

ADVERTÊNCIA

Este livrinho não tem mais pretensões que a de proporcionar a quem disso haja interesse uma compilação, analisada e comentada, dos dados que actualmente possuímos sobre a história antiga de Lourenço Marques. Não é uma história do descobrimento e da fundação de Lourenço Marques, mas tão somente uma revista dos materiais de que dispomos para ela.

São poucos esses materiais, poucos e fragmentários, de modo que muitas vezes não se ajustam — incompletos e descontínuos, largamente dispersos pelo tempo. Daí, e da fraqueza do autor, a insuficiência deste trabalho.

Quando dizemos que são poucos os materiais, referimo-nos aos que nos oferecem as bibliotecas e arquivos da Colónia — ou mais precisamente: o Arquivo Histórico de Moçambique. Se no Arquivo encontramos a bibliografia fundamental para estes estudos, já assim não sucede quanto a manuscritos. Os documentos mais velhos que existem na Colónia não vão além da segunda metade do século XVIII e esses, mesmo, não se contam por mais de escassas dezenas, com a particular circunstância de que nenhum respeita a Lourenço Marques.

O grande volume dos arquivos da Colónia até 1840 foi remetido para Portugal, em 1891-1892, à ordem do conselheiro comissário régio. Foi uma infeliz boa-intenção de António Enes — que não previu esta paráfrase do seu famoso conceito: em Moçambique é que se há-de estudar a história de Moçambique...

A documentação foi para Portugal e por lá jaz, nas bibliotecas e arquivos, esquecida ou desdenhada dos estudiosos. Os nossos historiadores na Metrópole não descobriram ainda a África. Talvez por saudosismo da glória e da riqueza, ainda hoje estudam e escrevem muito sobre as perdas grandezas da Índia e do Brasil — mas não sobre a discreta, embora, mas real grandeza da nossa África.

Já os cronistas da Índia, deslumbrados pelo brilho do ouro e da pedraria, o capitoso das especiarias e o fausto dos nomes heráldicos, raro se ocupavam das coisas da costa de África. Para eles, a Capitania de Sofala e Moçambique era a gata borralheira na esplendorosa Conquista da Índia.

Os cronistas poderiam ter-se lembrado de que, se essa Conquistista calçava sapatinhos de ouro, era de Sofala que os recebia. Os seus ilustres sucessores de

hoje deveriam lembrar-se de que vale mais ocuparmos da modesta casa que nos abriga, que do irreconstruível palácio de outrora, caído em ruínas.

Isto se diz por lamentação, que não por censura.

E quem ler este livro me perdoe pelo que nele fiz e pelo que nele não fiz.

CAETANO MONTEZ

P. S. - Este trabalho achava-se concluído e entregue aos editores em junho. Eles viram-se forçados, todavia, a protelar a composição e impressão — e, no entanto, Alexandre Lobato publicou, em Lisboa, uma «História da fundação de Lourenço Marques», abrangendo desde o estabelecimento da feitoria austríaca até à fundação do presídio por Joaquim de Araújo. Nesse livro publica Alexandre Lobato documentos inéditos, existentes nos arquivos metropolitanos (foi, ainda, um moçambicano que os desencantou), e dele nos chegou às mãos um exemplar, em meados de Agosto. O conhecimento desses novos documentos permitiu-nos esclarecer alguns pontos do nosso primitivo trabalho, corrigir e ampliar outros. Como a reelaboração do texto inicial teve de ser feita apressadamente, sobre o joelho, é provável que o leitor encontre repetições, descoordenação e, mesmo, alguma contradição entre partes que primeiramente, na carência de documentação, eram conjecturais e outras que foi, depois, possível reajustar.

20 de Agosto de 1948

C. MONTEZ

PLANO

1500-1545 — DESCOBRIMENTO.

1545-1703 — EXPLORAÇÃO.

1 — Comércio e navegação,
11 — Os Náufragos.
111 — Esquecimenlo.

1703-1780 — OS ESTRANGEIROS.

1781 — RECONQUISTA.

1782-1800 — FUNDAÇÃO.

DOCUMENTOS.

- 1.º De Jerónimo Leitão, 1598.
- 2.º De Fr. Francisco de Santa Teresa, 1784
- 3.º De J. J. Nogueira de Andrade, 1789.
- 4.º Regimento do governador, 1781.
- 5.º Instrução ao comandante, 1799.